

## Destaque

# “INDIGNAI-VOS!”

## O apelo aos 93 anos

Stéphane Hessel é daquelas pessoas que faz pensar. Num pequeno livro, pequeno, mas forte, insta a sociedade a lutar por um mundo melhor. E é um apelo que vem de um homem que foi da Resistência francesa na II Guerra Mundial, que sobreviveu aos campos de concentração nazis e que ajudou a redigir a Declaração dos Direitos Humanos. Está tudo dito. **ALEXANDRA MACHADO** amachado@negocios.pt

“É um livro pequeno, muito fácil de ler. É muito forte. E demos este título [“Indignai-vos!”] que é uma forma de convite para quem o lê: ‘não podem deixar-se ficar. As coisas têm de ser feitas’. O nosso mundo não está em boa forma. A nossa Europa não está suficientemente sólida. A nossa França está com muitos problemas, e até Portugal tem problemas políticos reais. É uma boa ideia dizer aos mais jovens, e mesmo aos mais velhos, para não se deixarem ficar. Olhem para as coisas e, se puderem, mudem-nas”.

Palavras de Stéphane Hessel, autor do livro “Indignai-vos”, editado em Portugal pela Objectiva e prefaciado por Mário Soares. O livro é um convite à indignação. A esta obra segue-se outra, “Engagez-vous” – ainda não editada em Portugal e que significa literalmente “Empenhai-vos”. Em França, o “Indignai-vos” já vendeu dois milhões de exemplares. O sucesso do livro “tomou-o como um sinal”.

Lançado antes das revoluções nos países árabes. “Foi pura coincidência. Não posso reclamar que este livro fez a Primavera Árabe. Mas devo dizer que fui a Tunes em Fevereiro e todos os meus parceiros tunisinos tinham o livro. Por isso, há algo de positivamente coincidente. Não esperava as revoluções. E fiquei preocupado que as pessoas na Europa, EUA e Israel pensassem que era mais fácil ter um déspota, como Ben Ali ou Mubarak, do que ter uma revolução popular que não se sabe ao que levaria. Mas eu fiquei extremamente satisfeito. E foi a prova de que quando a população quer muito uma coisa, diferente daquilo que os seus líderes pedem, pode haver uma mudança. Relacionamento com o que nos aconteceu entre 39-45 em que havia a Resistência em França”.

Stéphane Hessel fez parte da Resistência Francesa ao tempo da II Guerra Mundial. Juntou-se ao movimento França livre em 1941 e em 1944 desembarca em França sob o nome “Greco”. Foi preso pela Gestapo e enviado para o campo de concentração Buchenwald, na Alemanha, ao qual consegue escapar em vésperas de ser enforcado. Mudam-no

para o campo Rottlebrode e, mais tarde, para Dora, de onde consegue evadir-se.

“Chegámos a Buchenwald, éramos um grupo de 36. Destes, 31 foram mortos. O que meu deus a responsabilidade de tornar a minha vida útil. Decidi, então, entrar na diplomacia depois da guerra, pois achei que a diplomacia, em particular o trabalho nas Nações Unidas, era a forma de evitar uma nova catástrofe como aquela que tinha acabado de viver. Foi um sentimento de responsabilidade e de confiança. Veremos as coisas más a serem ultrapassadas, assistir à construção de uma Europa democrata depois do terrível período de estalinismo e nazismo, dá-nos a confiança de que os problemas, embora difíceis, podem ser resolvidos”.

### O perigo da indiferença

“Na minha opinião, o século XXI deve trazer a noção de que quando a população quer a mudança é possível tê-la. Quando o livro saiu, em toda a Europa havia um sentimento de descontentamento. Não estamos felizes. E os jovens não estão satisfeitos porque não sabem para onde vão de ir. Saem da escola com diploma mas sem emprego. Tentam encontrar uma forma de mudar a crise económica, mas os bancos estão a ser refinanciados e a crise não termina”. O lucro, a ganância... acusa! “Os bancos, agora privatizados, preocupam-se principalmente com os seus dividendos e com os elevadíssimos salários dos seus administradores”, lê-se no livro. Ao que acrescenta pessoalmente: “nas nossas sociedades, as pessoas tendem a ser indiferentes ou desencorajadas e isso é muito perigoso. Incentivar as pessoas a terem confiança é o principal

objectivo deste pequeno livro. Dar confiança às pessoas que o lêem, dizendo-lhes que têm razões para estar indignadas, não devem parar e devem comprometer-se”.

O clima de indiferença é perigoso. “Temos vivido na última década numa sociedade de consumismo, preocupa-

dos com o lucro e com uma vida fácil. Enquanto somos indiferentes os problemas estão a crescer. E grandes problemas. A justiça social está a diminuir”.

### UE portou-se mal com Portugal

“Houve um tempo em que os Estados tinham a vantagem sobre a economia, agora é a economia que tem vantagem sobre os Estados. Os Estados estão de mãos atadas. Quando os Estados se comportaram como deviam, fazendo progressos sociais, a economia disse que estavam a gastar muito. Estou particularmente descontente com a forma como Portugal tem sido tratado pela União Europeia (UE). Penso que a União Europeia tem recursos suficientes para canalizar a um dos seus membros, para suportar as suas necessidades e não pedir empréstimos com juros elevados. Acho que é uma falha da solidariedade. Apesar de ter um presidente português, o trabalho que a União Europeia faz não está ao nível do que os seus fundadores esperariam, de solidariedade entre membros. Sou europeísta na mesma medida que Mário Soares”. Mário Soares, além de ter o prefácio do livro de Hessel, é seu amigo.

“Precisamos de mais Europa e não menos Europa. Precisamos de uma Europa mais forte. O que significa uma Europa ambiciosa. Presentemente, sentimos que não é suficientemente ambiciosa”.

Os políticos são fracos, não têm o que é preciso? “É certamente um dos factores. Jacques Delors tinha ideias sobre o que fazer, não foi bem sucedido, mas pelo menos sabia. Agora falta-nos isso. Lamento dizer, mas o Senhor Barroso não é suficientemente ambicioso. Talvez Rasmussen o seja. Mas olhamos para Sarkozy, Merkel e até Sócrates, são pessoas honestas – talvez não tão honestas no caso de Sarkozy –, mas não são entusiastas, não dão aos jovens o sentimento de que se as seguirem vão ser bem sucedidos. É talvez uma das razões que levou a que este pequeno livro fosse traduzido em 25 línguas e de ter sido aceite pelas pessoas não porque dá respostas, que não dá, mas porque põe as verdadeiras questões”.

Stéphane Hessel, com um sorriso maroto, acaba por confessar acreditar que Sarkozy leu o livro. O primeiro-ministro francês, François Fillon, leu-o e criticou-o. O ex-diplomata francês, Stéphane Hessel, acaba por admitir que há uma crítica ao livro que tem razão de ser – não dá res-

**O Senhor Barroso não é suficientemente ambicioso. Sarkozy, Merkel e Sócrates são pessoas honestas - talvez não tão honesta no caso de Sarkozy - mas não são entusiastas, não dão aos jovens o sentimento de que se as seguirem vão ser bem sucedidos.**



Pedro Elias

postas. Mas agora, diz, é preciso um livro que aponte o caminho. E para Hessel ele já existe. Edgar Morin, seu amigo, e o “La Voi”, que significa a via, não editado em Portugal.

## O socialista verde

“Sou socialista, mas estou muito interessado no Movimento Europe Ecologie-Les Verts. Estou muito convencido que o problema da terra será o maior da geração futura. Tudo o resto depende disso. Não podemos esperar uma mais justa distribuição da riqueza se não cuidarmos dos recursos, que são sobre-explorados. O problema do ambiente é o principal, mas tem de estar ligado à justiça social. Os socialistas têm de trabalhar mais em conjunto com os verdes. A combinação socialista-verde pode trazer uma maioria, que precisamos, no Par-

lamento europeu, o que poderá permitir à Europa sair desta terrível nova economia liberalista que trouxe coisas muito más. Portugal é uma vítima deste novo sistema liberal, que procura o lucro e não a distribuição justa”.

Em vários países europeus assiste-se ao crescimento dos partidos de extrema direita. Stéphane Hessel combateu o nazismo. “Deve ser considerado como um efeito de algo que pode ser positivo, mas ainda não o é: o início de um sistema global, em que as decisões não são to-

madadas nacionalmente, mas internacionalmente. Isso faz crisspção nas nações. É uma reacção que pode ser ultrapassada por boas coisas. A civilização globalizada, americanizada, cria um contra-efeito, de um sentimento que temos de manter a identidade. As escolas ensinam o nacionalismo, a identidade nacional, mais do que deviam”.

## Direito ao Estado da Palestina

O fim da II Guerra Mundial levou Stéphane Hessel para a diplomacia, para integrar a comissão que iria produzir a Declaração Universal dos Direitos Humanos, carta várias vezes citada no “Indignai-vos”. Um artigo em particular: “Todo o indivíduo tem direito a uma nacionalidade”. Hoje, Stéphane Hessel preocupa-se com o que se passa em Israel. Visitou a Faixa de Gaza mais de cinco vezes. “Conheço o problema”. Filho de um judeu (seu pai, Franz Hessel, foi escritor e tradutor) diz que não está a ser feita suficiente pressão sobre Israel.

“Penso sinceramente que os palestinos merecem ter um Estado tanto quanto os israelitas merecem um Estado. Uma pressão maior por parte da Europa ou dos EUA poderia ter ajudado, mas a pressão não foi forte. Israel tem uma extraordinária influência na Europa, nos Estados Unidos”.

Stéphane Hessel faz parte do Tribunal Russell para a Palestina, para pressionar a opinião pública. É um organismo que foi criado, em 1966, por Bertrand Russell e Jean-Paul Sartre para o Vietname. No Sudoeste asiático acabou por dar resultado. Hessel acredita que para a Palestina também poderá resultar. “Tem de ser posta idêntica pressão por parte da Europa, EUA, pelas empresas. Não podem aceitar a situação da Palestina ocupada, colonizada, onde há muita violência”.

Esta luta, que ocupa por estes dias boa parte do seu tempo, já valeu a Hessel a acusação de anti-semita. “Não me incomoda”. A sua vida fala por si. Hessel ainda acrescenta que em 1948 rejubilou com a criação do Estado de Israel. Podia ser na entrevista, mas foi no livro que escreveu: “infelizmente, a História dá poucos exemplos de povos que retiram lições da sua própria história”.

Deus? “Não acredito no sentido de uma religião monoteísta. Penso que há algo divino, tem de haver alguma divindade, mas não acredito na religião com um Deus em oposição aos outros deuses. Isso penso que é perigoso. E ainda bem que em França, e aqui também, há separação do Estado e da Igreja. É bom que as pessoas acreditem no que querem acreditar, mas não é uma crença que deve estar no Governo. Por isso o Irão é um mau exemplo”. E preferiria ter visto Osama bin Laden preso e julgado. Mas mostra-se satisfeito com a sua eliminação. “Mas não é o fim. Pode criar, novamente, um sentimento de que os americanos fazem as coisas à sua maneira”.

## A poesia

“Não vou escrever mais”. Está comprometido com o Tribunal Russell e com um órgão colegial onde participam vários ex-chefes de Governos. Aos 93 anos pensa que é suficiente. Não escreverá livros, mas lê, lê muito. Jornais? “Liberati3n” e “Le Monde”. Televis3o? Sim. Rádio? Sim. Internet? Isso é que não. Gosta que as pessoas lhe enviem cartas postais. Mas conhece a Wikileaks e censura a divulgação da correspondência diplomática. “Há algo importante na diplomacia, que é o segredo, e precisamos do segredo. Se tudo for conhecido as negociações não correm como devem ser”.

O segredo da sua forma? Em tempos, em jeito de brincadeira, citou Winston Churchill para quem a longevidade dependia de uma coisa: não praticar desportos. Mais a sério diz ao **Neg3cios**: “Tenho a sorte de não ter perdido nenhum dos

activos importantes, continuo a ver, posso ler, oiço e a minha memória está bem conservada”. E prova-o. Assume-se um amante de poesia. “E se não tiver cuidado recito um poema aqui mesmo”. Vamos a isso. Shakespeare é o escolhido. “No longer mourn for me when I am dead” [Não chorem mais por mim quando estiver morto]. Era a frase que levava consigo quando foi preso pela Gestapo. Acreditava que, se morresse, iriam entregá-la à sua mulher. Sobreviveu e o soneto acompanha-o. “Nesta velha memória estão cerca de 100 poemas em inglês, francês e alemão que tenho a presunção de saber de cor”. **w**

**Temos vivido nos últimos 10 anos numa sociedade de consumismo, preocupada com o lucro e com uma vida fácil. É um clima de indiferença. E é perigoso, porque enquanto somos indiferentes os problemas vão crescendo.**